

Duas vezes se morre:
Primeiro na carne, depois no nome.
A carne desaparece, o nome persiste mas
Esvaziando-se de seu casto conteúdo
– Tantos gestos, palavras, silêncios –
Até que um dia sentimos,
Com uma pancada de espanto (ou remorso?)
Que o nome querido já nos soa como os outros.
MANUEL BANDEIRA

“É com grande satisfação que apresentamos”... Esse seria o modo habitual de se iniciar um editorial, comentando a seguir a qualidade e a especificidade das contribuições recebidas, os feitos realizados e os avanços obtidos graças ao empenho da atual comissão editorial. Todavia, a satisfação que sentimos pela concretização de mais um número desta revista mescla-se com a tristeza ante um acontecimento trágico e singular: a perda de um querido colega. Luis Fernando Pereira teve sua promissora carreira de antropólogo e indigenista abruptamente interrompida exatamente no lugar onde ele mais queria estar: em campo, dentro de área indígena, próximo àquelas populações com as quais vinha travando longo e profícuo contato. Este número da *Cadernos de Campo* é dedicado a sua memória. Lamentamos também a perda da “professora” Ruth Cardoso, antiga colaboradora desta revista (*Cadernos de Campo* No. 7), personalidade de suma importância para o desenvolvimento e consolidação da antropologia no Brasil, entre outros feitos já conhecidos.

É de Luis Fernando um dos três ensaios que constituem o *especial Lévi-Strauss* deste número, concebido em meio às comemorações do centenário de nascimento do antropólogo fran-

cês, antigo colaborador desta revista (*Cadernos de Campo* No. 2) e cuja influência sobre a antropologia é inequívoca, razão pela qual prestamos esta homenagem. O ensaio bibliográfico de Luis Fernando Pereira, “Música, alimentos e outras composições do drama mítico: reflexões sobre *A origem dos modos à mesa*”, que já revela as qualidades de pensamento do jovem etnólogo, oferece um cuidadoso estudo da construção analítica de Lévi-Strauss, chamando a atenção para as afinidades entre o procedimento adotado por ele em suas *Mitológicas* e aquele que emerge da tetralogia wagneriana *O Anel dos Nibelungos*.

O especial também conta com as contribuições dos professores Marcos Lanna, da Universidade Federal de São Carlos, e Patrice Maniglier, da Universidade de Essex, cujos trabalhos se pautam pela reflexão, em diferentes perspectivas, da atualidade do pensamento de Claude Lévi-Strauss. Partindo do debate em torno da noção de hierarquia e a sua abordagem n’*As estruturas elementares do parentesco*, e focado especialmente na leitura feita por Louis Dumont, Marcos Lanna, em ensaio escrito a convite desta comissão editorial, reflete sobre a atualidade da obra a partir da distância que

a teoria de Lévi-Strauss assume tanto com relação à teoria de Dumont quanto das formulações de Durkheim. Já Patrice Maniglier, em trabalho especialmente adaptado e traduzido para integrar esta seção, oferece uma cuidadosa reflexão sobre o lugar da diferença, da liberdade e do político no pensamento de Claude Lévi-Strauss: tendo como mote as apropriações feitas deste pensamento no debate sobre a união civil de pessoas do mesmo sexo na França, o autor reencontra aquilo que diversas leituras correntes consideravam ausente.

A seção *artigos e ensaios* desta edição traz 10 contribuições, oferecendo ao leitor um amplo panorama dos temas e questões com os quais, contemporaneamente, jovens pesquisadores têm se ocupado ao levar a cabo seus trabalhos. Tal como os fragmentos multicoloridos de um caleidoscópio que ao serem revolidos formam uma miríade de imagens, os trabalhos ora apresentados poderiam ser articulados de múltiplas formas, ora se aproximando, ora se distanciando, conforme a perspectiva que se escolha. Todavia, algumas imagens ou linhas de força parecem mais persistentes, e passamos a descrevê-las a seguir.

Alguns trabalhos publicados nesta seção ressaltam questões epistemológicas, seja refletindo sobre o desenvolvimento de modelos teórico-metodológicos, as implicações das opções teóricas na abordagem dos dados, ou ainda os dilemas que envolvem o posicionamento do pesquisador em campo e sua relação com os sujeitos investigados. Tais questões aparecem com toda força nos trabalhos de Lindalva Cruz *et alii*, Cauê Krüger, Flávia Pires e Ivo de Santana.

No artigo “O Feminismo e os impasses com a Pós-Modernidade”, Lindalva Cruz, Elaine Cristina Pimentel Costa e Euda Kaliani Gomes Teixeira Rocha procuram relacionar o Feminismo, corrente teórica e movimento social, com os paradigmas moderno e pós-moderno,

vislumbrando como a epistemologia feminista vem se apropriando das teorias da Modernidade e da Pós-modernidade; ao mesmo tempo, faz uma análise teórica da trajetória do feminismo (ou ainda dos feminismos) ao longo das suas transformações.

Em “Para além da canoa de papel”, tendo como pano de fundo o debate acerca da análise antropológica dos fenômenos teatrais nas sociedades contemporâneas, Cauê Krüger questiona: “Mas o que é, então, a ‘antropologia teatral’ de Eugênio Barba?” Com este desafio, o autor procura analisar criticamente as implicações das propostas de Barba, comparando-as às obras de Victor Turner e Pierre Bourdieu, contribuindo assim para o debate em torno da constituição do campo de uma Antropologia da Performance e da Experiência.

Já os textos de Flávia Pires e Ivo de Santana apresentam discussões em torno dos dilemas que envolvem as escolhas, sejam elas teóricas ou metodológicas, feitas pelo pesquisador de campo. No artigo “O trabalho de campo em uma pesquisa com executivos negros”, Ivo de Santana reflete sobre o desenvolvimento de sua investigação acerca da trajetória de ascensão social de negros em posições de prestígio nas instituições da Administração Pública da cidade de Salvador, apontando para os limites, possibilidades e singularidades que se apresentam no confronto entre pesquisador e sujeitos que partilham das mesmas condições sócio-raciais e contextuais. Por sua vez, no artigo “Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças”, Flávia Pires traça um panorama dos estudos sobre a infância, destacando as diferenças entre a perspectiva sociológica e a antropológica a respeito do tema, tendo como foco especial o processo de tornar-se adulto em uma região do semi-árido nordestino.

A infância, não sendo o tema principal, é também um dos aspectos tratados por Laura

Santillán no artigo “Prácticas cotidianas y intersecciones entre la Iglesia Católica y grupos familiares en asentamientos populares del Gran Buenos Aires”. Neste trabalho, a autora utiliza uma perspectiva que privilegia as vinculações do poder com as práticas cotidianas ao explorar dimensões da vida social tais como a educação, o cuidado infantil e a organização urbana.

O interesse nas articulações entre poder e práticas de grupos sociais também está presente nos trabalhos de Nazarena Belén Mora – “Amistad en el pasado, política en el presente” – e Marina Vanzolini Figueiredo – “Imagens do poder: a política xinguana na etnografia”. No primeiro caso, a autora aborda a maneira pela qual a memória se configura como uma construção pautada pela articulação entre o poder central, o Estado e as elites dominantes locais, e como tal articulação intervém na demanda pela justiça. Para tanto, toma como objeto de análise uma cerimônia em homenagem a advogados desaparecidos durante a ditadura militar argentina, episódio conhecido como *La noche de las corbatas*. Já o artigo de Marina V. Figueiredo propõe reavaliar o modo pelo qual o tema das lideranças indígenas tem sido descrito pela etnografia, mais especificamente aquela produzida a respeito do conjunto multilíngüe xinguano, como uma forma de problematizar noções ocidentais como poder e política.

O questionamento de noções ocidentais a partir da contraposição ao pensamento dito “nativo” também é a preocupação que move Marília Floôr Kosby em seu artigo “Cruzamentos, territórios e patrimônio religioso”: trata-se de uma etnografia das comemorações do feriado de Nossa Senhora dos Navegantes, que ocorre anualmente na Laguna dos Patos, em Pelotas/RS, cuja discussão está permeada pela noção de “encruzilhada”, em substituição à noção de sincretismo, com o intuito de considerar as múltiplas entidades, divindades e manifestações religiosas que se cruzam durante tais festejos.

E *last, but not least*, a seção traz também os ensaios de Clark Mangabeira, “Gustav von Aschenbach, civilizado: hipóteses para uma teoria social das pulsões”, e de Ian Packer, “‘A origem do mundo’ de Gustave Courbet: realismo e erotismo”, que comungam da intenção em articular teoria social e sexualidade moderna na análise de obras de arte. A partir do filme “Morte em Veneza” de Luchino Visconti, adaptação cinematográfica do clássico de Thomas Mann, e à luz deste último, Clark Mangabeira problematiza a repressão social das pulsões e a relação entre indivíduo e sociedade, de um lado, e a análise da civilização e suas repercussões na estrutura psíquica dos indivíduos, de outro, sugerindo uma abordagem que articule as contribuições teóricas de Simmel, Elias e Freud quanto às concepções de interação social, processo civilizador, prazer, repressão, entre outras. Ian Packer, por sua vez, avalia o lugar do pictórico, e particularmente do realismo, entre os saberes que constituíram o “dispositivo da sexualidade”, conforme a formulação de Foucault, tendo como foco a inovadora e controvertida tela do pintor realista francês Gustave Courbet, “A origem do mundo” (1866), na qual realismo e sexualidade se articulam da forma mais explícita, inserindo-a no saber pictórico que se constituía na época e refletindo sobre os interditos e a invisibilidade que cercaram essa tela em particular.

A seção *artes da vida* deste número traz um ensaio fotográfico do ritual *Tepteré*, traduzido em português como Festa dos Peixes (*Tép*) e da Lontra (*Téré*). Conta o mito krahó que um velho aprendera o *Tepteré* junto aos peixes, no fundo do rio. De volta à aldeia, ensinou a seus parentes aquilo que vira e, desde então, os Krahó, divididos nas metades cerimoniais *Tép* e *Téré*, realizam a festa entoando os cantos dos Peixes, da Lontra e os *mêkreré*. Apresentamos ao leitor um breve e sensível registro desta festa, realizado pelo antropólogo Júlio César Borges

durante a Feira de Sementes do Povo Krahó, em novembro de 2007.

No ano do centenário da imigração japonesa no Brasil, *Cadernos de Campo* publica uma entrevista com o antropólogo Koichi Mori, professor do Departamento de Letras Orientais (área de Língua e Literatura Japonesa) da Universidade de São Paulo, que fala sobre sua trajetória acadêmica, seus trabalhos etnográficos sobre o processo de xamanização de mulheres okinawanas, temas de interesse, tais como as relações entre transnacionalismo e identidade étnica, e sobre os possíveis diálogos entre as antropologias japonesa e brasileira, especialmente aqueles iniciados neste ano em meio às comemorações do centenário no Brasil e no Japão.

A seção *traduções* deste número conta com duas contribuições: a primeira do trabalho de Dominique Perrot, “Quem impede o desenvolvimento ‘circular’? Desenvolvimento e povos autóctones: paradoxos e alternativas”, realizada por Lígia Romão; e a outra do texto de Anthony Seeger, “Etnografia da música”, produzida por Giovanni Cirino.

O texto de Dominique Perrot, apresentado por Dominique Tilkin Gallois, resgata os diversos modos, por vezes contraditórios, de se pensar a relação entre homem e natureza implicados na noção de desenvolvimento. Se durante muito tempo persistiu a idéia de desenvolvimento e povos autóctones enquanto pares de oposição, na atualidade assiste-se à tentativa, por parte da sociedade ocidental, de situá-los no mesmo plano por meio daquilo que se denomina “desenvolvimento sustentável”. Nisto, no entanto, não se encerra o debate, como bem observa a autora, ao deslocar o foco para a perspectiva indígena sobre desenvolvimento e progresso.

Já o trabalho Anthony Seeger, como ressalta Acácio Tadeu Piedade na sua apresentação, destaca dois pontos fundamentais para o desenvolvimento de uma etnografia da música:

a clareza do problema epistemológico e o ensejo de uma abordagem integradora. Se, por um lado, mesmo a mais rica e detalhada descrição etnográfica só pode dar conta de uma perspectiva possível da complexidade de uma performance musical, por outro, as diversas musicologias deveriam se visitar, se convidar e se incluir em um projeto musicológico maior: a compreensão global da música.

A seção *resenhas* traz uma novidade: além de resenhas que foram recebidas pelo fluxo “normal” de contribuições, ela também conta com um número expressivo de trabalhos advindos daquilo que denominamos de **Projeto Resenhas**. Realizado durante o ano de 2008, tal projeto objetivou alimentar a seção cativa da *Cadernos de Campo* dedicada às resenhas, a qual padecia de um fluxo contínuo de contribuições. Para estimular a produção de textos desse gênero, reconhecidamente importantes para a geração de conhecimento e circulação de saberes, solicitamos a diversas editoras que nos enviassem obras de antropologia publicadas a partir de 2006. Estas obras foram enviadas a vinte colaboradores, selecionados dentre mais de 100 interessados, que puderam ficar com os livros mediante a entrega da resenha. Nesta edição apresentamos quatro resenhas resultantes deste projeto, selecionadas segundo sua qualidade, assim como a diversidade temática, regional, institucional e editorial. Deste modo, este número traz as contribuições de Fernanda Telles Márquez, Maria Cecília Manzoli Turatti, Andrea Ciacchi e Marcos Silva da Silveira, autores que participaram do **Projeto Resenhas**, bem como a colaboração de Ivana Mihal. Para fechar com brilho esta seção, apresentamos a resenha do livro *África Fantasma*, encomendada a Fernando Giobellina Brumana, professor titular de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Letras/Universidade de Cádiz – Espanha.

Finalmente, a seção *informe* deste número traz, em breves linhas, uma apresentação do

trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (NAPEDRA/USP), que reúne tanto pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social desta universidade (PPGAS/USP) quanto do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA/Unicamp). O grupo de pesquisa surgiu a partir do interesse crescente dos alunos, coordenados pelo professor John Cowart Dawsey, em expandir para além do âmbito disciplinar os estudos nas interfaces entre antropologia e performance. Ao conjugar o pensamento teatral com o fazer antropológico, e vice-versa, os projetos de pesquisa focalizam uma variedade de temas que se estendem dos cultos populares a paródias de gênero e manifestações da vida cotidiana; além disso, alguns projetos apresentam a interessante proposta de se repensar a antropologia da performance e da experiência desde os escritos de Walter Benjamin.

Alguns anos atrás, uma jovem comissão editorial utilizava este espaço para exprimir seu temor ante o prazer cruel do ofício, já que praticamente todos os seus membros eram neófitos nas artes da editoria e arriscavam alterações “perigosas” numa revista de consolidada tradição. Todavia, as formulações e propostas feitas ali sob o signo malfazejo acabaram se mostrando, realmente, benéficas com o passar do tempo. Ao longo destes anos, num trabalho integrado de comissões editoriais que se renovam a cada ano, a revista passou por uma rigorosa normalização tendo em conta as normas da ABNT e os critérios QUALIS/Periódicos utilizados na avaliação CAPES; teve sua divulgação e circulação ampliada, seja por venda, permuta ou doação, bem como pela presença em eventos da área; propôs os projetos **Resenhas** (descrito

acima) e **Bibliotecas** (doação/atualização das coleções junto a instituições públicas de ensino superior); viu o surgimento do seu blog e o atual desenvolvimento do *website*... O resultado de tanto esforço, queremos crer, e sua recompensa, vêm materializados no crescente número e na qualidade das contribuições recebidas pela *Cadernos de Campo* nestes últimos anos: para este número, por exemplo, foram recebidas mais de 60 contribuições para todas as seções da revista, de todas as regiões do Brasil e algumas do exterior. A *Cadernos de Campo* agradece, assim, a todos os autores que enviaram suas colaborações para a revista ao longo desses anos, publicadas ou não; se esta revista possui algum mérito, ele se deve a todos os que confiaram seus trabalhos a ela. A sua confiança no trabalho desta comissão editorial é a melhor recompensa ao cruel prazer do trabalho editorial. Gostaríamos ainda de agradecer aos colegas que se dispuseram a realizar os trabalhos para o Projeto Resenhas, bem como às editoras que nos enviaram as obras, contribuindo, assim, para a concretização deste projeto a muito acalentado: Annablume, Attar Editorial, Cosac Naify, Editora Cortez, Editora Globo, Editora UFRGS, EDUFF, Editora UFMG, EDUSP e EDUC.

Finalmente, gostaríamos de agradecer também a todos os pareceristas *ad hoc* que colaboraram com este número, auxiliando na difícil escolha das contribuições ora publicadas; aos professores e funcionários do Departamento de Antropologia da USP, especialmente ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, pelo financiamento, apoio e incentivo; aos nossos parceiros de vendas, pelo trabalho de distribuição da revista; e a todos os leitores da *Cadernos de Campo*, sem os quais esta revista não teria razões para existir... A vocês, desejamos uma boa leitura!